



**ECOLOGIA**  
**A tralha do metanol**

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 109  
ANO 22 - Nº 49 - NCzS 33,00  
13 DE DEZEMBRO DE 1989

# veja

## A BATALHA FINAL PARA MUDAR O BRASIL

**O que pode ocorrer no país  
com Lula ou com Collor**



**Luís Inácio Lula da Silva, do PT**



**Fernando Collor de Mello, do PRN**

- /// **A crença no papel do governo para melhorar a vida dos pobres**
- /// **A confiança na ação das empresas estatais**
- /// **A fé no calote da dívida externa**
- /// **Reforma agrária a partir de 500 hectares**

- /// **O combate aos privilégios na máquina do governo**
- /// **A tentativa de abrir a economia**
- /// **A promessa de privatizar estatais**
- /// **Aumentar o bolo para dividir a renda**



# Ninguém sobrevive no mundo dos negócios agindo por si só.

Talvez com um pouco de visão e principalmente, uma dose de sorte, alguém possa até resistir por algum tempo.

Mas não o tempo todo.

Cada dia que passa, com a velocidade em que o mundo se transforma, uma simples informação acaba se tornando um alimento vital.

Ninguém produz sozinho.

É essencial contar com a orientação mais precisa, o assessoramento mais profissional.

Quem trabalha com o Citibank, trabalha com a mais alta tecnologia em serviços bancários: cobrança, pagamentos, F.G.T.S., recolhimento de impostos e tarifas.

Saber administrar esses recursos, tão importantes à saúde de sua empresa, requer mais do que pessoas talentosas. É preciso dedicação, empenho, produtividade, eficiência, conhecimento profundo do Cliente.

Só assim você poderá obter as informações mais confiáveis, que lhe permitem tomar decisões seguras no seu fluxo de caixa.

No Citibank, você vai encontrar o homem convivendo com a mais alta tecnologia, em perfeita harmonia, para que você possa contar sempre com serviços da melhor natureza.

**CITIBANK** 

## EM DIA

### Longe do mar

*Caymmi troca o Rio pelas montanhas de Minas*

Quando tomou um ita — o navio que transportava os nordestinos que migravam para o sul na primeira metade do século — no Porto de Salvador e foi para o Rio morar, em 1938, aos 24 anos de idade, o baiano Dorival Caymmi já levava na bagagem canções inspiradas no mar, nos pescadores e nas praias de sua terra. Com sua voz grave de timbre característico, ele tornou-se conhecido cada vez mais como o cantor das belezas praianas, levando seus admiradores a associá-lo inteiramente ao mar. “Acho o Caymmi ilimitado como o mar que ele canta”, comparou, certa vez, Tom Jobim, um de seus mais ilustres admiradores. Mas, não foi numa praia calma de mar sereno que o compositor encontrou a tranquilidade de um exílio voluntário. Aos 75 anos, Caymmi resolveu afastar-se de sua fonte de inspiração e passou a ser um dos 4 000 habitantes da pacata Pequeri, cidadezinha encravada entre as montanhas da Serra da Mantiqueira, na Zona da Mata, em Minas Gerais, a 270 quilômetros de Belo Horizonte. “Já tive meus dias de areia e agitação. O mar está

poluído, e o Rio de Janeiro tornou-se uma cidade sem segurança”, reclama o compositor. Caymmi também desafia um antigo mito. “Gosto de apreciar as ondas, mas estou cansado de andar na areia”, diz ele. “E nem nadar eu sei.”

Menos bronzado e mais gordo do que na época em que freqüentava a areia e consumia suas noites tocando suas canções praieiras nos bares cariocas, Caymmi atualmente não bebe, dorme cedo e passa o tempo compondo sem pressa. “Trabalho sem compromisso”, revela. Instalado com sua mulher, Stella Maris, num quarto do Hotel Montese — um casarão do século passado — enquanto espera a conclusão das obras de sua casa, ele relembra o primeiro contato com Pequeri, em 1940. “Fiquei encantado”, recorda, elogiando a paisagem e a tranquilidade da cidade natal de Stella.

O compositor chegou a comprar uma casa no lugar onde costumava passear com a mulher e os filhos Nana e Dori — Danilo, o mais novo, ainda não havia nascido. No ano passado, ele voltou à cidade para receber o título de cidadão honorário e resolveu com sua mulher que mudariam para lá. “Quero ficar aqui de vez”, afirma Stella. “Gosto dessa vida mansa”, concorda o marido, que encontrou em Pequeri a tranquilidade que há muito vinha perseguindo. Na primeira tentativa, nos anos 70, eles foram morar em Salvador. Mas a tranquilidade que buscavam nem passou por perto. “Os ônibus paravam na nossa porta. Viramos atração turística”, diz Stella. “Em Pequeri, isso não existe.” ■



O compositor, no tempo das praias e, hoje, em Pequeri: tranquilidade

GLADSTONE CAMPOS